

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Canela-Fedorenta

Ocotea corymbosa

volume

3

Canela-Fedorenta

Ocotea corymbosa

Colombo, PR



Fotos: Paulo Ernani Ramalho Carvalho



Canela-Fedorenta

Ocotea corymbosa

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group (APG) II* (2003), a posição taxonômica de *Ocotea corymbosa* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Magnoliídeas

Ordem: Laurales (em Cronquist (1981), é classificada em Magnoliales)

Família: Lauraceae

Gênero: *Ocotea*

Espécie: *Ocotea corymbosa* (Meissn.) Mez

Publicação: Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:321. 1889.

Sinonímia botânica: *Mespilodaphne corymbosa* Meissn.; *Ocotea pseudoacuminata* Coe-Teixeira (1980); *Ocotea sansimonensis* Coe-Teixeira (1980)

Nomes vulgares por Unidades da Federação: em Mato Grosso, canela-preta; em Minas Gerais, canela, canela-bosta, canela-preta e canelão; no

Paraná, canela-bosta, canela-de-porco e canela-sebo; e no Estado de São Paulo, canela, canela-bosta, canela-de-corvo, canela-fedorenta, canela-gualca, canela-parda, canelinha e canelinha-do-cerrado.

Nota: nos seguintes nomes vulgares, não foi encontrada a devida correspondência com as Unidades da Federação: canela-corvo, canela-de-corvo, canela-fedida, canela-puante, canelão-preto e canelinha-de-folha-mole.

Etimologia: o nome genérico *Ocotea* é nome na Guiana; o epíteto específico *corymbosa* é em função da inflorescência ser da forma corimbiforme.

Descrição Botânica

Forma biológica: árvore semidecídua. As árvores maiores atingem dimensões próximas a 30 m de altura e 70 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo) na idade adulta.

Tronco: é reto a levemente tortuoso. O fuste mede até 15 m de comprimento.

Ramificação: é dicotômica.

Casca: mede até 10 mm de espessura. A casca externa ou ritidoma é áspera e de coloração marrom-escura.

Folhas: são alternas e simples; a lâmina foliar mede de 5 cm a 12 cm de comprimento por 2 cm a 5 cm de largura, ovada, estreitamente a largamente elíptica, subovada, raramente subobovada; ápice curto a longo-acuminado, base cuneada, decorrente, cartáceo-coriácea, freqüentemente manchada, face adaxial glabra, reticulação densa e subsaliente, nervuras maiores salientes, face abaxial esparsamente puberulenta a glabrescente, reticulação densa e subsaliente, nervuras laterais, com 5 a 9 pares, salientes, nervura central saliente; pecíolo com 8 mm a 20 mm de comprimento, glabrescente.

Inflorescência: é paniculada, axilar, agrupada no ápice dos ramúsculos e basal, geralmente pouco mais curtas ou mais longas que as folhas, a masculina pouco mais longa que a feminina, multiflora e puberulenta; o pedúnculo mede até 1 cm de comprimento e é curtamente piloso (BAITELLO, 2003).

Flores: as flores masculinas medem cerca de 3,5 mm x 3 mm, com pêlos esparsos, muito curtos, de coloração castanho-avermelhada. As flores femininas possuem pistilo glabro, com estilete robusto e muito curto.

Fruto: é do tipo bacáceo (BARROSO et al., 1999), medindo de 7 mm a 9 mm de comprimento por 3 mm a 4 mm de largura, ovado, apiculado, cúpula com cerca de 10 mm x 5 mm, hemisférica e afunilada.

Semente: é elíptica, marrom-escura, medindo de 2 mm a 5 mm de comprimento e 1 mm a 2,5 mm de diâmetro.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Ocotea corymbosa* é uma espécie dióica (BAITELLO, 2003).

Vetor de polinização: essencialmente abelhas.

Floração: de maio a julho, em Mato Grosso do Sul, de julho a fevereiro, no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999; BAITELLO, 2003), em dezembro, no Rio Grande do Sul (VATTIMO, 1979b), de dezembro a janeiro, no Paraná e de dezembro a fevereiro, em Minas Gerais (VATTIMO, 1979a).

Frutificação: os frutos maduros ocorrem de setembro a dezembro, no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999).

Dispersão de frutos e sementes: zoocórica (WEISER; GODOY, 2001), notadamente por diversas espécies de aves.

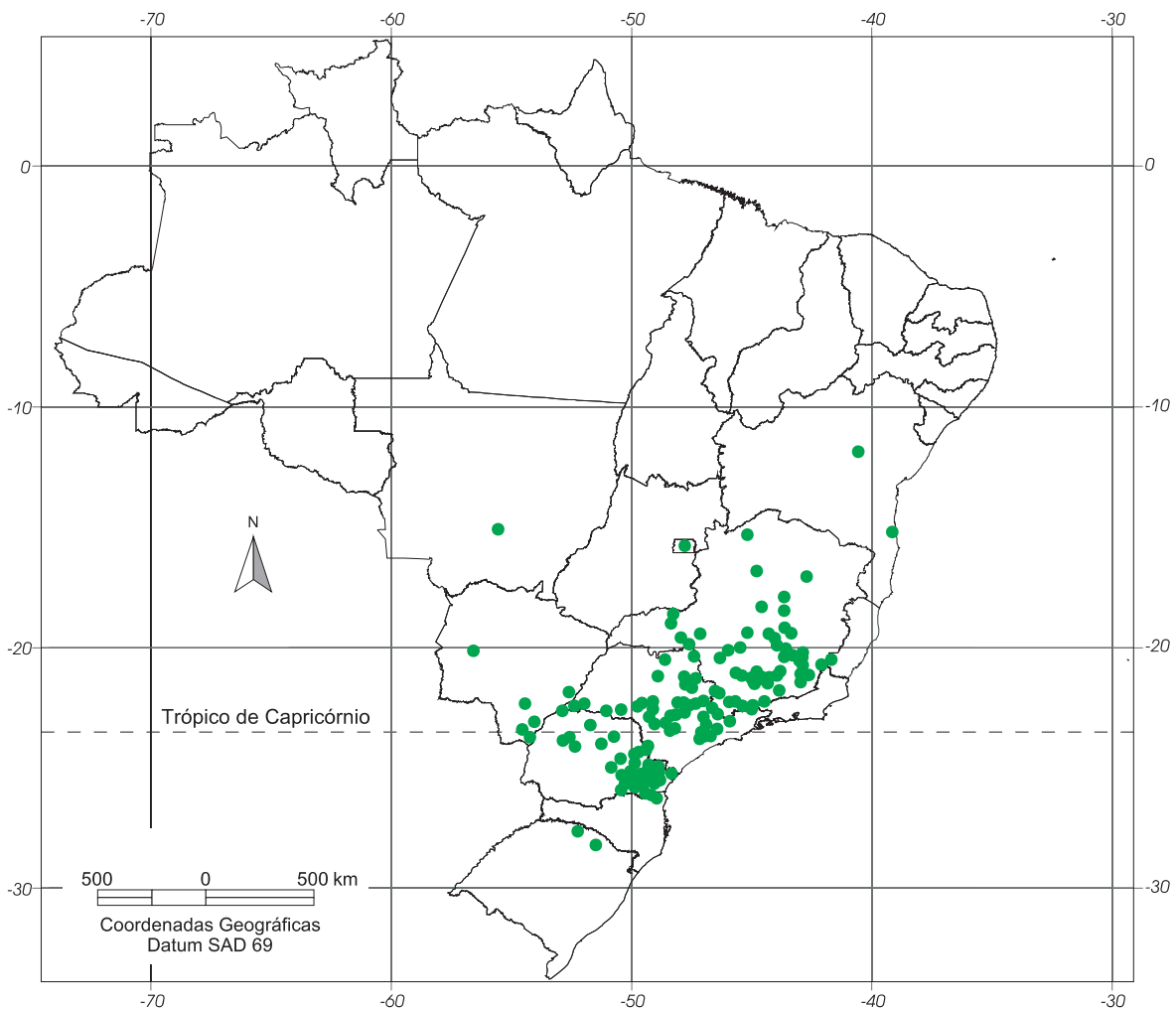
Ocorrência Natural

Latitudes: de 15°S, da Bahia, a 28°S, no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 300 m, no Estado de São Paulo, até 1.475 m de altitude, em Minas Gerais.

Distribuição geográfica: *Ocotea corymbosa* ocorre de forma natural no Brasil, nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 11):

- Bahia.
- Distrito Federal (PAULA et al., 2000; PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (LOPES et al., 2000).
- Mato Grosso (PINTO, 1997).
- Mato Grosso do Sul (PAULA et al., 1995).
- Minas Gerais (RIZZINI, 1975; VATTIMO, 1979a; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992; BRANDÃO et al., 1993a, BRANDÃO et al., 1993b, BRANDÃO et al., 1998d; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; VILELA et al., 1995; CARVALHO et al., 1996; ARAÚJO et al., 1997; CARVALHO, 1997; PEDRALLI et al., 1997; BRANDÃO et al., 1998a, BRANDÃO et al., 1998b; MEIRA-NETO et al., 1998; CARVALHO et al., 2000a, 2000b; WERNECK et al., 2000a; RODRIGUES, 2001; BOTREL et al., 2002; FERNANDES, 2003; COSTA, 2004; GOMIDE, 2004; CARVALHO et al., 2005; OLIVEIRA-FILHO et al., 2005; SILVA et al., 2005).
- Paraná (HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972; VATTIMO, 1979b; LONGHI, 1980; RODERJAN, 1994; VEIGA et al., 2003; HATSCHBACH et al., 2005).
- Rio Grande do Sul (VATTIMO, 1979b).
- Estado de São Paulo (VATTIMO, 1979a; PAGANO, 1985; BAITELLO; COE-TEIXEIRA, 1987; BAITELLO et al., 1988; MATTHES et al., 1988; RODRIGUES et al., 1989; SILVA, 1989; GANDOLFI, 1991; ORTEGA; ENGEL, 1992; COSTA; MANTOVANI, 1995; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; DÁRIO; MONTEIRO, 1996; PASCHOAL, 1997; TOLEDO FILHO et al., 1997; DURIGAN et al., 1999; IVANAUSKAS et al., 1999; BATALHA; MANTOVANI, 2001; RODRIGUES; NAVE, 2001; WEISER; GODOY, 2001; MARTINS et al., 2002; BAITELLO, 2003; TOPPA et al., 2004; TABANEZ et al., 2005; BERNACCI et al., 2006; TEIXEIRA; RODRIGUES, 2006).



Mapa 11. Locais identificados de ocorrência natural de canela-fedorenta (*Ocotea corymbosa*), no Brasil.

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: *Ocotea corymbosa* é uma espécie secundária inicial (IVANAUSKAS et al., 1999) ou clímax exigente de luz (PINTO, 1997).

Importância sociológica: essa espécie é freqüente nos sub-bosques da Floresta Ombrófila Mista e foi encontrada também em regeneração em área de pastagem de *Brachiaria decumbens*, no Bioma Cerrado, em Assis, SP (DURIGAN et al., 1998).

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação Montana, no oeste de Minas Gerais (WERNECK et al., 2000a).

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana, Montana e Alto-Montana, em Minas Gerais (CHAGAS et al., 2001) e no Estado de São Paulo, com freqüência de até 46 indivíduos por hectare (MEIRA-NETO et al., 1998; IVANAUSKAS et al., 1999; CARVALHO et al., 2000; RODRIGUES, 2001; MARTINS et al., 2002; SILVA et al., 2005).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), na formação Montana, no Espírito Santo (LOPES et al., 2000), em Minas Gerais e no Planalto de Ibiúna, SP (BERNACCI et al., 2006), com freqüência de até oito indivíduos jovens por hectare (CARVALHO, 1997), e na formação Alto-Montana, no Paraná (RODERJAN, 1994).
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta com presença de araucária), nas formações Montana, no Paraná (LONGHI, 1980), e Alto-Montana, em Minas Gerais (CARVALHO et al., 2005).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado stricto sensu, no Estado de São Paulo (BATALHA; MANTOVANI, 2001; WEISER; GODOY, 2001).
- Savana Florestada ou Cerradão, em Minas Gerais (COSTA; ARAÚJO, 2001) e no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1998; BATALHA; MANTOVANI, 2001; COSTA; ARAÚJO, 2001; PROENÇA et al., 2001).
- Campo Cerrado, no Estado de São Paulo (BATALHA; MANTOVANI, 2001).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (SILVA JÚNIOR et al., 1998), em Minas Gerais (CARVALHO et al., 1992; VILELA et al., 1995; COSTA, 2004), no Paraná (VEIGA et al., 2003) e no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999).
- Campo de murundu, em Uberlândia, MG (RESENDE et al., 2004).
- Floresta de Brejo, no Estado de São Paulo (PASCHOAL, 1997).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 900 mm em Minas Gerais, a 1.700 mm, no Paraná.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas na Região Sul (exceto pelo norte do Paraná) e chuvas periódicas nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula na Região Sul (exceto pelo norte do Paraná). De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal e no sul de Minas Gerais. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais.

Temperatura média anual: 16,5 °C (Curitiba, PR) a 25,6 °C (Chapada dos Guimarães, MT).

Temperatura média do mês mais frio: 12,2 °C (Curitiba, PR) a 22,8 °C (Chapada dos Guimarães, MT).

Temperatura média do mês mais quente: 19,9 °C (Curitiba, PR) a 27,2 °C (Chapada dos Guimarães, MT).

Temperatura mínima absoluta: - 7,1 °C (Campo Mourão, PR).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 9; máximo absoluto de até 22 geadas no Paraná.

Classificação climática de Koeppen: **Af** (tropical superúmido) no leste da Bahia e do

Paraná. **Aw** (tropical quente com estação seca de inverno) no oeste de Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cfa** (subtropical úmido mesotérmico com verões quentes, podendo haver estiagem e geadas pouco freqüentes) no Planalto de Ibiúna, SP. **Cfb** (temperado sempre úmido com verão suave e inverno seco com geadas freqüentes) no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo. **Cwa** (subtropical úmido quente de inverno seco e verão chuvoso) no Distrito Federal, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude com verões chuvosos e invernos frios e secos) no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

Solos

Ocotea corymbosa ocorre com mais freqüência em solos ácidos, álicos, bem drenados, de textura arenosa e de baixa fertilidade química.

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser colhidos quando maduros – coloração verde-clara – diretamente da árvore, antes da queda espontânea ou da dispersão pelas aves. Em seguida, devem ser expostos ao sol, para secar a pequena camada de polpa suculenta que envolve a semente.

Número de sementes por quilo: de 3.500 (LORENZI, 2002) a 4.200 (DURIGAN et al., 1997).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade. Contudo, a imersão em água fria, por 48 horas, antes da semeadura, acelera e uniformiza a germinação.

Longevidade e armazenamento: a viabilidade das sementes dessa espécie é inferior a 90 dias (LORENZI, 2002).

Produção de Mudanças

Semeadura: deve ser feita em sementeiras semi-sombreadas, para posterior repicagem. A repicagem é recomendada quando as plântulas alcançarem 4 cm a 6 cm de altura, as quais ficam prontas para plantio em 8 a 12 meses (LORENZI, 2002; DURIGAN et al., 1997).

Germinação: é hipógea ou criptohipógea. A emergência ocorre de 20 a 90 dias, e a taxa de germinação geralmente é baixa, até 40 % (KAWAGUICI; GUILHERME, 1996).

Associação simbiótica: apresenta incidência média de micorriza arbuscular (CARNEIRO et al., 1998).

Características Silviculturais

Ocotea corymbosa é uma espécie heliófila, que tolera baixas temperaturas.

Hábito: variável, desde crescimento monopodial à ramificação irregular, com bifurcações e brotos ladrões na base do colo. Deve sofrer poda de condução, para formar um único fuste, e poda anual dos galhos.

Métodos de regeneração: apresenta excelente regeneração a partir da rebrota de touças e raízes, principalmente no Cerradão.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados sobre o crescimento da canela-fedorenta em plantios. Contudo, seu crescimento é lento, dificilmente ultrapassando 2,5 m de altura, aos 2 anos (LORENZI, 2002).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira dessa espécie é moderadamente densa.

Outras características: a madeira de *Ocotea corymbosa* é fácil de ser trabalhada. Apesar do odor desagradável – que libera em contato com a umidade –, é resistente e durável; sua descrição

anatômica pode ser encontrada em Paula et al. (2000).

Produtos e Utilizações

Celulose e papel: a canela-fedorenta é inadequada para esse uso.

Energia: produz lenha de qualidade regular.

Madeira serrada e roliça: a madeira dessa espécie pode ser empregada na construção civil, principalmente para uso interno.

Paisagístico: a canela-fedorenta é bastante ornamental, principalmente pela forma da copa, delicadeza da folhagem e beleza do florescimento, podendo ser empregada no paisagismo em geral – o que já vem sendo feito em muitas cidades paulistas, na arborização de ruas (LORENZI, 2002).

Plantios com finalidade ambiental: espécie recomendada para restauração de ambientes fluviais ou ripários (VILELA et al., 1993), não tolerando solos encharcados (DURIGAN et al., 1997).

Espécies Afins

Ocotea corymbosa é uma espécie bastante variável ao longo de sua área de ocorrência, o que no passado resultou na descrição de pelo menos duas novas espécies para o Estado de São Paulo, aqui sinonimizadas (BAITELLO, 2003). Frequentemente é confundida com *O. pulchella* (Nees) Mez, mas nesta, o pecíolo é sempre mais curto.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui